

# ONDAKA

Boletim do Projecto de Publicação Comunitária

Nº1 Janeiro 2001

## Editorial

Ondaka é o boletim que estamos a criar com este primeiro número. Porquê Ondaka? 'Ondaka' significa palavra, em umbundo, e a **palavra** é talvez aquilo que nos torna humanos. É através da palavra (falada e escrita) que nos unimos, é através da palavra que partilhamos o que pensamos e o que sentimos. É essencialmente através da palavra que criamos cultura e que a transmitimos aos nossos filhos. Aos verdadeiros e também aos que vamos adoptando ao longo do caminho, através da palavra...

Mas é também verdade que a palavra pode também ser um instrumento de combate, de divisão, de destruição. Para nós com a palavra, com Ondaka, queremos apenas lutar contra a ignorância, o isolamento, a pobreza, o sofrimento.

Esta luta modesta, se é que podemos chamar luta a este trabalho, não usará apenas as palavras que vêm no Ondaka. Nessa luta utilizamos também os grupos de dança, a alfabetização, a discussão de ideias na comunidade, a publicação de livros, a criação de bibliotecas comunitárias, etc. Desta luta ninguém vai sair ferido nem derrotado. Apenas o isolamento e o desconhecimento.

Vamos pois tentar fazer deste boletim um veículo de comunicação e de aproximação entre pessoas. De certa forma é essa a principal vocação do projecto de publicação comunitária. Desmistificar o uso da palavra, falada e escrita. A responsabilidade de manter a palavra viva e sábia é conjunta e só em grupo nós vamos conseguir manter o nosso Ondaka com palavras verdadeiras, fortes e sábias.

## Novo Manual de Alfabetização em Umbundo

**Vamos Lêr e Escrever** ou, em umbundo, **Tu tangi loku sonehã**, é o livro produzido pelo projecto de publicação comunitária para servir de auxiliar a actividades de alfabetização em umbundo.

Várias acções de alfabetização estão já em curso. Este livro pretende ajudar pessoas das comunidades desfavorecidas a aumentarem o seu domínio sobre a sua língua.

Melhorando a capacidade de expressão e entendimento, pela leitura e pela escrita, estamos a contribuir para um mais fácil acesso à informação e para uma maior participação dos cidadãos nos assuntos que lhes dizem respeito.



## Neste Número

O Projecto de Publicação Comunitária .....	2 e 3
Notícias .....	4 e 5
Entrevista sobre a ALONGAH, com José Katyavala .....	6 e 7
Conto local: A espertza da lebre .....	8

## Development Workshop

Projecto de Publicação Comunitária  
Rua 105, casa 30 Bairro Capango  
Huambo

**Tel** (041) 20338  
**Fax** (041) 20081  
**E.mail** [dwhuambo@angonet.org](mailto:dwhuambo@angonet.org)

# O Projecto de PUBLICAÇÃO COMUNITÁRIA

## Os Antecedentes

Há alguns anos já surgiu a ideia de estimular o jornalismo comunitário. O Carlos Figueiredo (Figas) e a Sandra Roque tinham começado na ADRA com um boletim periódico (o Humbi-Humbi) quando o Bob van der Winden (da NIZA, uma organização não governamental holandesa para apoio à África Austral) veio a Angola para fazer um curso para jornalistas comunitários no Projecto Sambizanga que estava a ser implementado pela DW. Nessa altura, surgiu a ideia de criar um projecto que ajudasse a criar um grupo de jornalistas comunitários: pessoas que ouvissem a voz do povo, e ajudassem a divulgar a sua palavra, sabedoria e maneira de viver. Estes jornalistas deveriam também estar preocupados em fazer chegar informação a esse mesmo povo.

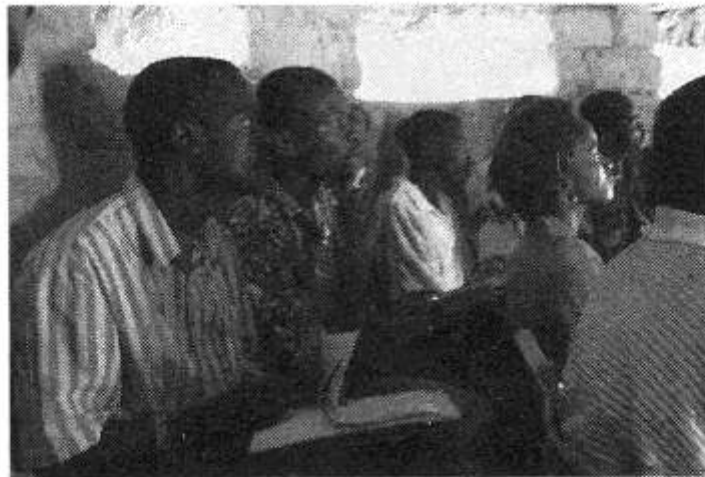
## O Arranque

Mais tarde o Bob teve contacto com um projecto no Zimbabwe onde uma organização (ACPD, de quem voltaremos a falar) trabalha em conjunto com comunidades na produção de livros! Surgiu daí a ideia de uma visita ao Zimbabwe, com o apoio da NIZA, para conhecer o trabalho lá desenvolvido e adaptá-lo a Angola. O contacto com o trabalho do ACPD em várias aldeias do Zimbabwe foi muito estimulante e ajudou-nos a dar os primeiros passos.

Começou-se o processo de formação de grupos comunitários, aproveitando o trabalho que já estava a ser desenvolvido pelos mobilizadores sociais de várias organizações do Huambo (DW, ADRA, GAC e CAD). Nesta fase surgiram os grupos do Lossambo, do Vilinga, do Xavier Samacau e do Capango.

Os grupos de terreno trabalharam com entusiasmo mas não conseguimos produzir produtos finais acabados (livros e boletins) ao ritmo correcto. Surgiu mesmo um certo desencanto e frustração em alguns grupos: alguns porque não viam nunca a chegar o rendimento que pensaram poderiam tirar do projecto outros porque não viam nunca os resultados reais dos seus trabalhos.

Por várias vezes tivémos visitas do Bob, da Kathy, e, da últimas vez de outros companheiros zimbabwuanos (Joseph, Brian, Justin e Sibangani). As visitas foram sempre um forte estímulo para o nosso trabalho, mas criou também a sensação que foi expressa por alguns grupos: Parecia que se estava a trabalhar ao ritmo das visitas e que só se começava a acelerar o trabalho com a aproximação das datas das visitas!



Aspecto de um dos seminários de formação

Surgiu daí a ideia de remodelar a constituição da equipe coordenadora. No presente e usando os recursos disponibilizados pelo Fundo para os Direitos Humanos da Embaixada Britânica tentamos criar uma nova dinâmica ao nosso projecto. Temos uma equipe coordenada pelo Júlio Quintas, com a Florinda Campos, o Pio Chiwale e o Daniel Martinho. Tudo gente que está a trabalhar com o projecto desde os primeiros passos. Apesar da mudança, o Figas, o Tiquinho (António Sapalo) e o André Domingos continuam disponíveis para dar uma ajuda.

## Perspectivas

Algumas metas deste novo grupo? Manter o boletim Ondaka a sair regularmente (mensalmente), imprimir o livro que está pronto (de histórias individuais), usar o livro em acções de educação cívica, alfabetização ou outras, continuar a animar os trabalhos de pesquisa, publicação de outros livros e criar bibliotecas comunitárias.

# O que é a publicação comunitária

**A** Publicação Comunitária é um método inovador de educação para o desenvolvimento, que cria habilidades, confiança e criatividade nos activistas da comunidade, através do seu envolvimento na produção colectiva de livros. Ela está assente em duas actividades: **Desenvolvimento Comunitário e Publicação**, que são combinados de uma forma inovadora.

A Publicação Comunitária reconhece que o ponto de partida para a mudança é auxiliando aqueles com menores rendimentos e com menos poder, a ultrapassarem a opressão mental e a dependência, descobrindo e desenvolvendo as suas próprias capacidades e entrarem num novo, mais igualitário e enriquecedor relacionamento, e criar organizações locais, fortes.

Como todos os acordos de poder estão expressos e registados sob a forma de documentos escritos, um aspecto crucial para aprofundar a democracia é dar às comunidades que foram antes marginalizadas, domínio sobre a publicação (uma das actividades mais elitistas).

Embora os livros dêem aos seus autores um sentimento de orgulho e de realização, o processo de envolvimento das pessoas é muito mais importante do que os produtos (os livros e boletins). Isto é, a forma como as pessoas crescem enquanto trabalham sobre os livros, desenvolvendo habilidades, atitudes e relações que são necessários para se ganhar controlo sobre o processo do desenvolvimento, são mais importantes que as publicações.

Assim, o que chamamos de publicação comunitária é uma forma de pensar, de agir, de se relacionar, de organizar e comunicar, de forma a dar o poder às pessoas que foram

anteriormente oprimidas. A publicação comunitária trata com as raízes psicológicas da violência, e do dano espiritual causado pela pobreza; liga pessoas que estavam antes isoladas. Reconhece que a maior esperança na África Austral é a energia e criatividade do seu povo; e que a necessidade humana de sentido (significado e realização) é tão urgente como as necessidades materiais.



Artista do S. Bartolomeu



A reflectir sobre a informação recolhida



Grupo de dança Olundongo

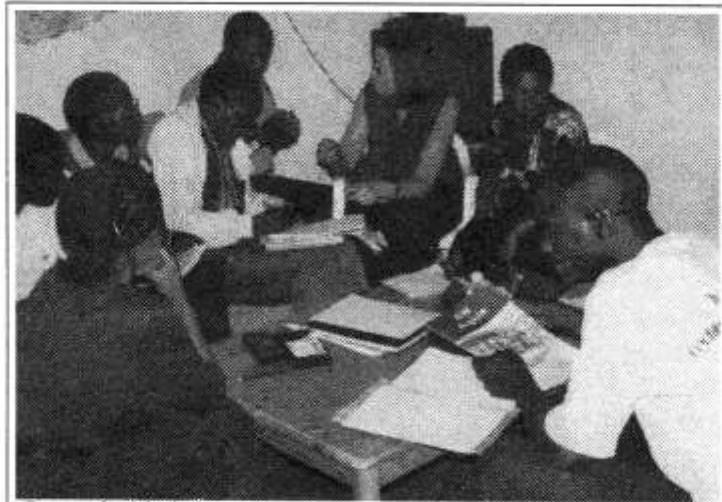
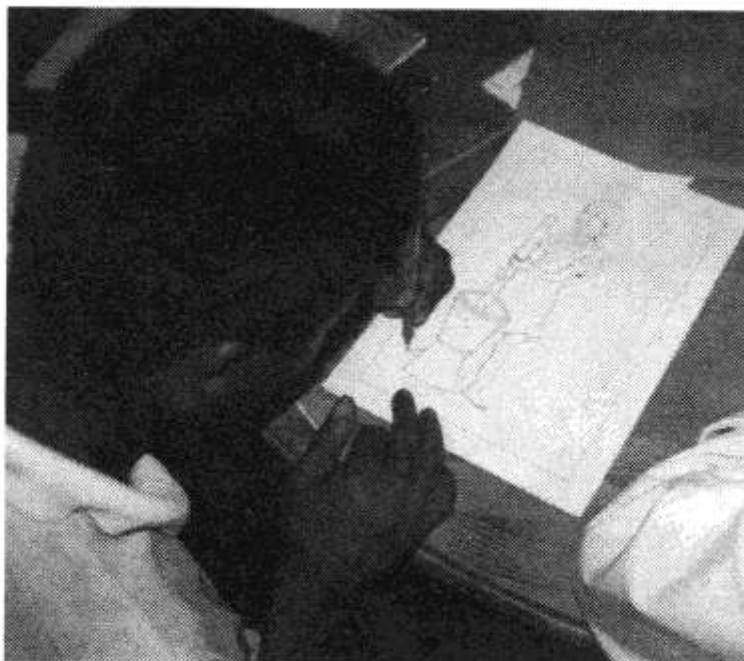
A cultura como forma de expressão e de aproximação

*Notícias Notícias Notícias Notícias Notícias Notícias*

**Visita dos Zimbabweanos** – No fim de 2000 estiveram conosco a Kathy, o Joseph, o Brian e Justin. Estes companheiros que levam a cabo um projecto de publicação comunitária no Zimbabwe, o Programa Chyubunnuzyo, estiveram entre nós para partilhar conosco a sua experiência. Foram feitas visitas aos vários grupos e conduzido um workshop de pesquisa sócio económica, e um de desenho. Iniciou-se com a orientação deles a construção dos manuais de alfabetização. Da análise feita na altura ao trabalho que tem sido desenvolvido na publicação comunitária referiram-se as seguintes aspectos que devem merecer mais atenção:

1. *O nível de liderança e de organização nos grupos comunitários deve ser reforçado.*
2. *Devem encorajados os grupos e devem-lhes ser transferidas habilidades para a produção de forma autónoma de documentos simples.*
3. *A participação feminina nos grupos existentes deve ser reforçada.*
4. *A comunicação entre as equipas que trabalham em Angola e as que trabalham no Zimbabwe deve ser reforçada.*

**Curso cobertura de capim** – No mesmo período mas por mais tempo esteve também conosco o Sibangani Dube. Jovem zimbabweano que para além de artista (toca viola) trabalha em coberturas de capim. Um exemplo de intercâmbio entre as comunidades que fazem publicação comunitária no Huambo e no Zimbabwe. Ele deixou pessoas preparadas para que de futuro possamos usar com mais mestria uma técnica usada em Angola desde há séculos.



Grupo do Zimbabwe a preparar um acção de formação



**Cursos de Desenho** – Em Janeiro, nas instalações da ADRA foram conduzidos por Dara Castello cursos de desenho para os diferentes desenhadores dos grupos de publicação comunitária.

# Entrevista com JOSÉ KATIAVALA

**D**epois de muita reflexão e consultas surgiu a Aliança das Organizações Não Governamentais no Huambo (ALONGAH) que tem como objectivos: defender os interesses comuns das ONGs do Huambo, partilhar informação e oportunidades, promoção e reforço institucional e contribuir para o reforço da sociedade civil local. Para isso, a ALONGAH, promove a aliança entre ONGs nacionais, igrejas e associações, no Huambo. Promove ainda a capacitação dos seus membros e o intercâmbio e troca de experiências com organizações congéneres, no país e no estrangeiro.

No dia 26 de Janeiro decorreu na sala do 'Centro Miete Marcelino' o processo de renovação de mandatos do novo corpo gerente da ALONGAH que ficou constituído da seguinte forma:

#### **Mesa da Assembleia Geral:**

Alberta Gomes - Presidente,  
Carlos Barromeu- 1º Secretário  
José Maria Katiavala – 2º Secretário

#### **Conselho Fiscal:**

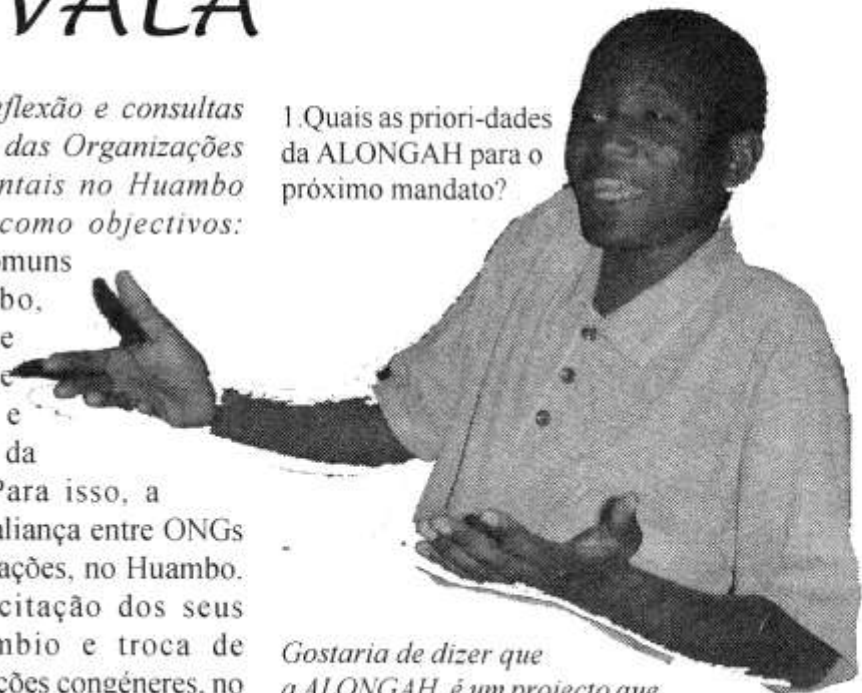
Ernesto Estevão Pedro – Presidente  
Carlos Figueiredo – 1º Vogal  
Helder Marcelino – 2º Vogal

#### **Conselho de Direcção:**

Martinho Chissingui  
António Joaquim Sapalo  
Israel da Silva  
Luciano Estevão Chitungo  
Azenildo Martinho Catumbela

**Ondaka** ouviu José Maria Katiavala – 2º Secretário da Mesa da Assembleia geral.

1. Quais as prioridades da ALONGAH para o próximo mandato?



*Gostaria de dizer que a ALONGAH, é um projecto que todas as organizações nela filiados devem procurar manter de pé e consolidar para que efectivamente encontre um espaço de consertação, de diálogo de articulação de ideias na busca de soluções dos problemas que afligem as comunidades desfavorecidas. Neste sentido acho muito importante que a ALONGAH venha a desempenhar um papel organização de acções de capacitação para que as organizações nacionais ganhem credibilidade, junto daqueles que podem apoiar. Estou a referir-me aos financiadores, doadores mas também ao próprio governo.*

2. O mandato passado trabalhou estes aspectos de ligação com o governo? Ou o que fez foi pouco?

*Temos que reconhecer que a ALONGAH é um projecto novo e como tal o forum tem enfrentado várias dificuldades. Ainda não se afirmou como tal e por isso se bem analisarmos o relatório apresentado ainda não espelha aquilo que deveria ser o papel deste forum*

3. Um olhar da tua parte sobre como é que foram as relações com o Governo no mandato passado.

# Aliança das ONGs Angolanas no Huambo

*Pelo que sei o Governo provincial desde o início que abraçou o projecto e sempre apoiou as iniciativas da ALONGAH. A existência de uma sociedade civil organizada é muito importante. Não haverá um país forte se não existirem organizações civis suficientemente fortes e actantes capazes de influenciar os processos políticos, económicos e sociais a nível local e nacional. É nesta perspectiva que encaro a ALONGAH como fundamental.*

4. Concluindo: o surgimento da ALONGAH vai reforçar a sociedade civil na provincia?

*A finalidade última deve ser esta. Mas a ALONGAH tem que se afirmar, tem que ter maior protagonismo, maior dinamismo, congregar todos os actores, todas as organizações da sociedade civil do Huambo*

5. Falou do protagonismo que a ALONGAH deve ter, mas neste momento são poucas as ONG's nacionais que se têm evidenciado. Quer comentar.

*As ONG's nacionais revelam ainda muitas debilidades, institucionais, materiais, financeiras e organizacionais. Isto faz com que elas ainda não tenham um espaço e um reconhecimento próprio por parte da sociedade, mas isso com o tempo, com empenho o quadro poderá mudar.*

6. A ALONGAH pode contribuir para isso?

*Exactamente! A ALONGAH pode contribuir, mas para tal ela precisa de apoios. De estabelecer parcerias com o Governo, com os doadores, com outras ONG's internacionais que jogam um papel importante no fortalecimento da sociedade civil nacional.*

7. O trabalho das ONG's internacionais quanto a assistência humanitária no Huambo é louvável, mas no seu ponto de vista acha que têm estado a desempenhar um papel no reforço da sociedade civil angolana

*No capítulo da assistência humanitária, de facto a acção das ONG's internacionais tem sido fundamental e visível. Mas no que toca ao reforço das organizações locais noto um grande vazio. Se efectivamente as ONG's internacionais estiverem interessadas em ajudar este país a encontrar os caminhos para o desenvolvimento terão que apostar nas organizações locais, porque apesar das debilidades que apresentam têm o conhecimento local, estão enraizadas nas comunidades e isto é um aspecto bastante forte e é motivo para que todos aqueles que querem apoiar este país apostem efectivamente no reforço das organizações nacionais.*

8. Quer falar sobre o que fazer para que isso aconteça?

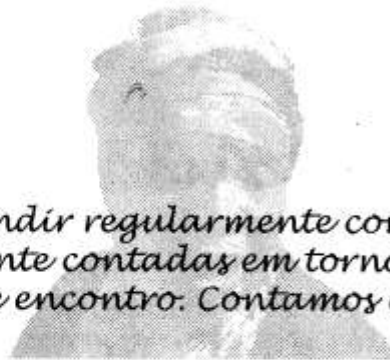
*Concretamente, as organizações internacionais poderiam em muitas das suas propostas de projectos e na sua implementação, envolver as organizações nacionais para que estas bebam da suas experiências na implementação destes projectos. Noto que isso ainda não existe. A maior parte das ONG's internacionais implementam directamente os projectos, mas há uma grande possibilidade de estabelecer parcerias com as ONG's locais e há muitos casos aqui em África como Moçambique, Bourkina Faso que eu conheço, em as ONG's internacionais hoje em dia jogam um papel de assessoria e de fortalecimento das ONG's locais. Só assim é que o país se vai desenvolver. Senão vamos continuar com a dependência e isto não vai nos levar a lado nenhum.*

9. Quer identificar outra prioridade para a ALONGAH para os próximos 2 anos

*Deverá favorecer o acesso das ONG's locais a oportunidades de financiamento. Isto em colaboração com o Governo. Se as ONG's nacionais não tiverem oportunidade de acesso aos financiamentos nunca vão ganhar experiência de implementar os projectos. Podem ter ideais mas nunca terão oportunidade prática de concretizar os seus sonhos. E isto é muito importante!*

## Contando as nossas histórias

**N**esta secção pretendemos difundir regularmente contos ou letras que são tradicionalmente contadas em torno da fogueira ou noutros momentos de encontro. Contamos com as suas contribuições.

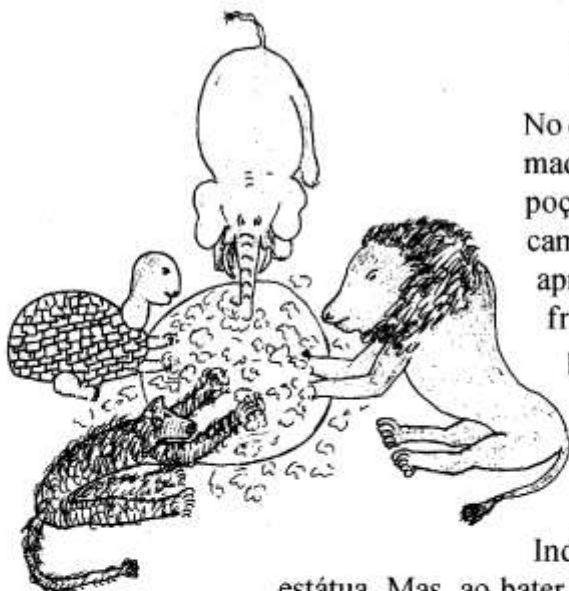


## A esperteza da lebre

Uma vez os animais passaram muito tempo sem terem água para beber. Porém os animais decidiram solucionar este problema. Decidiram então cavar um poço de água.



O coelho como era muito esperto, respondeu aos seus amigos que não precisava desta água porque pela manhã cedo iria beber água do orvalho: - por isso não participarei na escavação deste poço. Os seus amigos reuniram-se e escavaram um poço de água. Sempre pela manhã, os animais encontravam algumas pisadas em volta do poço e não sabiam quem era que roubava a água à noite. Os animais decidiram então construir uma estátua viscosa, próximo do poço.



No dia seguinte, como era costume, o coelho madrugou para beber água do poço. Acordou e pôs-se a caminho até ao local. Ao aproximar-se viu em sua frente uma estátua e parou!

Deu os bons dias e não obteve resposta, insistiu mas continuou a não obter resposta.

Indignado decidiu bater na estátua. Mas, ao bater ficou colado! Pela manhã os animais que chegaram ao poço para beber água encontraram o coelho colado à estátua.

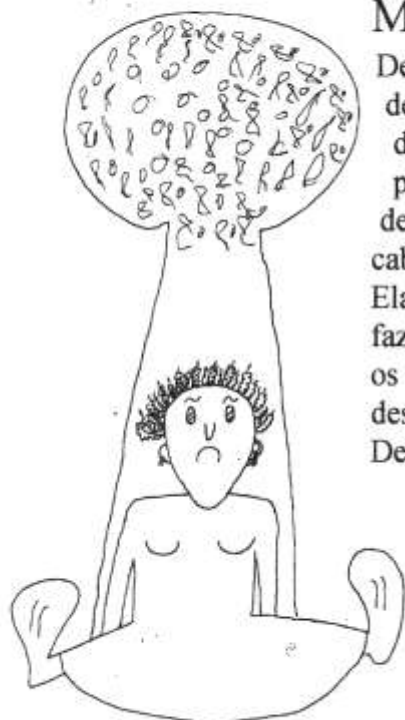
A partir daí os animais ficaram a saber que quem andava a roubar água era o amigo coelho.

Também na vida há muitos que, como o coelho, apenas se aproveitam do esforço dos outros. Mas, também como na história, todos juntos, conseguimos resolver o problema...



## Notícias Notícias Notícias Notícias Notícias Notícias

### Morte devido ao álcool



Devido ao abuso do álcool, uma dona de casa de cerca de 32 anos de idade viu o seu bebé de um mês morrer num incêndio. Nesse dia, a senhora estava embriagada de modo que, nem conseguiu preparar a comida para o seu bebé. Por volta das 20 horas deitou-se na cama depois de colocar o bebé, na banca de cabeceira perto de um candeeiro aceso.

Ela em pleno sono, num mau jeito, mexeu no candeeiro, fazendo este cair por cima do bebé. Logo provocou um incêndio, os lençóis e o resto a queimar. Mesmo assim, a senhora estava descansada a ressonar: H,U,U,U! H,U,U,U!

De repente, escuta um grito naã! naã! naã! e ela despertando vê a casa toda iluminada com o clarão do incêndio e a roupa a queimar. Naquele momento, desorientadamente preocupou-se com a roupa em vez de socorrer o pobre bebé. Só depois de alguns minutos ela sentiu que o bebé também estava queimando junto com a roupa. O excesso de álcool provoca desgraças, pobreza e morte.



### Nem os defuntos escapam



Apesar do Huambo ter uma cultura e tradição fortemente religiosa também acontecem destas coisas... No Macololo, bairro a Norte da cidade, há um homem que há muito tempo reclamava o uso de determinado terreno para cemitério.

Certo dia segurou numa enxada e destruiu todas as campas para plantar eucaliptos. Interrogado sobre a sua atitude disse: 'vale mais a pena ter plantas

do que campas. Pelo menos poderei depois vender as minhas plantas enquanto que o que já morreu jamais volta'. Triste esta falta de respeito aos mortos...

### Desrespeito

Aconteceu com um velho de uns 60 anos de idade, mutilado de guerra, que corre a praça do S. Pedro de ponta a ponta a arrastar-se, pedindo esmola. 'Meus filhos, ajudem-me' - dizia o velho. Alguns davam alguma coisa mas surgiu uma pessoa que lhe disse: 'Nós não somos culpados de seres mutilado, também temos deficientes físicos em casa!'

Que não se tenha para dar, ainda se compreende mas não entender que no fundo todos temos uma responsabilidade por pessoas como aquele velhote é inadmissível.

